

## O CHALET MONTROSE NO MONTE ESTORIL

### 1. Nota prévia

Em 1984, no nº 5 do *Arquivo de Cascais, Boletim Cultural do Município*, publiquei um modesto artigo “Sobre a arquitectura do Monte Estoril, 1880-1920” resultado de um trabalho de investigação que começara pouco antes, no âmbito da realização de um Mestrado em História da Arte.

Não se imagina o que, desde então, progrediram as condições de trabalho sobre o tema da arquitectura de veraneio! Basta pensar que o arquivo morto da Câmara Municipal de Cascais não estava organizado, que as primeiras plantas - registando as povoações nascentes à beira-mar – nunca tinham sido valorizadas e que se pensava desaparecida a documentação sobre a edificação das primeiras casas! Hoje toda esta riquíssima documentação foi recuperada, inventariada, está à consulta pública e tem sido divulgada em obras de qualidade.

Devo dizer que, para ir progredindo no estudo valorização deste património até então bastante desprezado, sempre encontrei o maior apoio e incentivo por parte dos mais diversos serviços da CMCascais. De tal modo assim foi que, logo após a publicação daquele trabalho de estudante, a Câmara, sob direcção de Georges d’Argent, me encomendou a continuação do levantamento da arquitectura de veraneio para as povoações de S. Pedro do Estoril, Parede e Carcavelos. E, depois, creio que na presidência de Helena Roseta, foi proposto que as minhas fichas de inventário (manuscritas e artesanais!) servissem de base à proposta de classificação das casas nelas registadas e, o mais possível, documentadas.

**No entanto, apesar de tantas boas vontades, ao longo destes 25 anos, uma parte significativa dos melhores exemplares inventariados da arquitectura de veraneio do Concelho foram ou demolidos, ou desastrosamente intervencionados ou definitivamente empobrecidos nos fundamentais valores paisagísticos envolventes.**

**Esta situação paradoxal manifesta algumas das contradições mais mortíferas que têm atravessado sucessivos governos municipais e que sintetizarei assim: no sector da cultura, existe, desde há muito, uma consciência dos valores patrimoniais a preservar mas os seus pareceres e propostas são sistematicamente ultrapassados, tropeçados e desprezados, por quem detém o poder real de decisão, nos departamentos de urbanismo e obras.**

**Quanto aos presidentes de Câmara, que deveriam ter nesta matéria uma orientação clara e empenhada, temos que reconhecer que - mesmo actualmente, na vigência da melhor vereação dos últimos 30 anos – tardam em usar a sua capacidade decisória última, em proveito do que mais precioso tem a nossa terra.**

## **2. Sobre o Chalet Montrose**

Pertencendo à primeira época de edificação do Monte Estoril, quando se pensava torná-lo um centro turístico internacional, o Chalet Montrose detém, em elevada escala, os mais importantes valores patrimoniais dessa época fino-oitocentista. Trata-se de um chalet de qualidade, composto dos dois corpos característicos (um, sugerindo «torreão», outro adossado, de figura rectangular), com uso abundante de madeiras, debruando os vãos e telhados, e sugestivo jogo cromático entre rosas e verdes secos. Até muito recentemente, esta casa parecia-me - sempre que lá passava, em romagem de saudade e alguma “fiscalização” - impecável. Nunca entrei, mas tenho a certeza que, apesar da sua aparência de casa de férias informal, seria certamente de elevada qualidade construtiva e decorativa. Convém recordar que, a Rainha Maria Pia, depois da morte de D. Luís, foi nesta casa que primeiro se instalou, por simpatia da família Reynolds, e antes de adquirir o seu chalet próprio sobre a Avenida Marginal.

Mas o mais importante desta casa, como de muitas outras, é o seu generoso e qualificadíssimo espaço de jardim. Não pela decoração - de estatuetas que me parecem modestas –mas pela riqueza e beleza das árvores, dos recantos e da atmosfera cálida assim gerada. Apesar das bárbaras construções envolventes, nomeadamente pelas cêrceas vorazes, a extraordinária amplitude do jardim garantia que os valores dessa vivência antiga aqui permanecessem.

Ou seja, o Chalet Montrose sempre esteve, desde os anos 80, na lista das peças mais importantes do património de veraneio de Cascais: património arquitectónico e património paisagístico, num feliz e comovente entrosamento de valores. De tal forma assim é que, olhando a casa, podemos sentir que ela, como as árvores, tem raízes naquele terra que um urbanismo romântico tornou fértil.

## **3. A minha mensagem**

Estamos, creio eu, naquelas infelizes situações em que, mais uma vez, nos vão dizer que nada há a fazer. Cumpriram-se regulamentos e índices, aprovaram-se expectativas legítimas. Estamos, claro, num Estado de Direito.

Mas o Presidente da Câmara tem de ser confrontado com esta perversidade: ao mesmo tempo que promove uma exposição no edifício anexo aos Paços do Concelho, anunciando o Plano de Pormenor do Monte Estoril para salvaguardar os seus valores característicos; ao mesmo tempo que os serviços de Património continuam a estudar e fundamentar situações de salvaguarda relevante; outros usam outras leis e outras normas que, digamo-lo claramente, têm contribuído para o enriquecimento indigno de quem entende o passado como um obstáculo ultrapassável aos mesquinhos interesses de lucro imediato. **Destruindo todas as possibilidades de futuro. Indo contra a corrente que defende que o turismo, na nossa terra, só interessa para valorizar e estimular as heranças, como nesse tempo fundador aconteceu.**

Infelizmente não posso estar presente nesta sessão. Mas saúdo os que se batem pelo direito à sobrevivência de casas e paisagens seculares que são documentos históricos fundamentais que nos interpelam: como garantir-lhes uso e função numa perspectiva de legado ao futuro?

Raquel Henriques da Silva

21 de Outubro de 2007